



Resenha *MIGRAÇÕES NA ATUALIDADE* – Ano 24 – nº 90 – Março 2013

Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – [www.csem.org.br](http://www.csem.org.br)

## **A religião como meio de assistência, integração e emancipação dos migrantes**

<b>PORTUGUÊS.....</b>	<b>3</b>
Missões católicas vão ajudar emigrante .....	3
Muçulmanos sofrem discriminação por expressarem a sua fé .....	3
População muçulmana cresce 29% em 10 anos no Brasil.....	5
ACNUR e organizações religiosas concordam em expandir cooperação a favor dos deslocados no mundo .....	6
Apostolado do mar, lar dos migrantes .....	6
<b>ENGLISH .....</b>	<b>8</b>
Immigrants remaking Canada's religious face in surprising ways .....	8
Muslims in Switzerland “lack legal protection” .....	9
Young Turks Increasingly Favor Integration and Religion.....	10
The New Values Voters: Immigration.....	11
Islam Overtaking Catholicism as Dominant Religion in France.....	12
<b>ESPAÑOL .....</b>	<b>14</b>
La religión persiste como tema sensible de debate en la Francia multicultural.....	14
Las organizaciones católicas, contra el ‘apartheid sanitario’ .....	15
La sociedad española muestra una mayor aceptación pública a los musulmanes .....	16
La fe religiosa influye en voto latino.....	17
Musulmanes de California hacen historia política.....	18
<b>ITALIANO .....</b>	<b>19</b>
Gli immigrati, la religione e l’integrazione .....	19
La rabbia dei musulmani proviamo a cercarne le cause .....	20
La libertà di professare il proprio credo religioso è un diritto assoluto oltre che essere una libertà indefettibile .....	21
Immigrazione e religione .....	21

## EDITORIAL

A intensificação das migrações internacionais tem provocado a formação de sociedades cada vez mais multiétnicas e culturalmente diversificadas. Diante desta situação em diferentes países estão sendo reavaliadas as políticas públicas de integração dos migrantes, abrindo um intenso e complexo debate sobre o multiculturalismo e a laicidade do Estado.

A diversificação cultural abrange também as religiões. A assim chamada – nas palavras de Peter Berger - “pluralização” religiosa, típica dos territórios de intensa imigração, tem geralmente quebrado os monopólios religiosos característicos, até alguns anos atrás, de numerosos países, levantando novos desafios para a assim chamada “identidade religiosa nacional” e, sobretudo, para a convivência entre alteridades.

É evidente que o fenômeno da pluralização religiosa não decorre apenas das migrações. No entanto, muitos migrantes costumam levar em suas bagagens as próprias cosmovisões religiosas que, de alguma forma, acabam interagindo com as cosmovisões presentes na terra de chegada, gerando uma interação que pode ser dialógica, tolerante, indiferente ou conflitiva. Na contramão da conhecida regra do *cuius regio eius religio*, que visava separar os membros das diferentes denominações cristãs a fim de evitar conflitos, a mobilidade humana no contexto da globalização tende a aproximar e mesclar os afiliados das várias tradições religiosas. Assim sendo não é incomum ouvir falar da “islamização da Europa”, da “pentecostalização” do cristianismo ocidental ou da chegada do vodu haitiano junto com os migrantes no Brasil.

Mas o que isso implica para as religiões e para os migrantes? De que forma as religiões lidam com a questão migratória? Que papel desenvolve a religiosidade na jornada dos migrantes?

Em primeiro lugar é importante frisar a assistência oferecida pelas religiões aos migrantes. Numerosas tradições religiosas atuam na promoção humana das pessoas recém-chegadas, principalmente daquelas mais necessitadas. Há diferentes enfoques nesta abordagem sócio-transformadora: a mera assistência emergencial, o serviço de *advocacy*, a formação da consciência cidadã e até a estruturação de grupos de pressão para a reformulação de políticas migratórias. Existem também diferenças em relação ao público alvo, sendo que há grupos religiosos que privilegiam o auxílio aos membros das próprias denominações, enquanto outros atuam de forma aconfessional.

As tradições religiosas constituem também um importante caminho de integração dos migrantes. Elas assumem frequentemente o papel de favorecer a gradativa socialização dos recém-chegados com as cosmovisões culturais e religiosas dos autóctones. Em outros termos, a participação ativa em lugares de culto, ainda que da mesma tradição religiosa da terra de origem, implica sempre a incorporação de traços culturais típicos da nova sociedade. Nesse sentido, as religiões se tornam pontes entre o passado da terra de origem e o presente da terra de chegada, espaços sociais de familiaridade e, ao mesmo tempo, de encontro com a alteridade.

Por fim os migrantes que possuem uma cosmovisão religiosa, não raramente, utilizam suas crenças como ferramentas simbólicas para enfrentar os desafios da jornada migratória. A religiosidade pode ser um caminho que permite ao migrante recuperar a consciência da própria dignidade: aquele estrangeiro que na sociedade é estigmatizado como sendo “clandestino”, “invasor”, “extracomunitário”, “criminoso” ou até “terrorista”, encontra nas comunidades religiosas espaços de protagonismo e acolhida gratuita. Mediante a religiosidade o migrante pode resgatar a dignidade, a autoestima, a consciência de seu valor. A religião, enfim, antes que fuga da realidade se torna fonte de emancipação, um recurso simbólico para enfrentar o desafio da inserção na terra de chegada.

## PORTUGUÊS

### Missões católicas vão ajudar emigrante

Representantes das missões católicas dos seis países com maiores comunidades portuguesas na Europa reúnem-se na quarta e quinta-feira em Lisboa para estudar possíveis respostas às situações de emergência que vivem os novos emigrantes.

No encontro, organizado pela Obra Católica das Migrações, participam responsáveis das missões católicas portuguesas na Alemanha, França, Luxemburgo, Holanda, Reino Unido e Suíça bem como elementos das Caritas destes países.

Casos de portugueses em carência extrema na Europa, principalmente na Suíça, denunciados pelas missões católicas alertaram nos primeiros meses deste ano para os problemas que enfrentam os novos emigrantes e levaram a Igreja a suscitar a discussão sobre estratégias de resposta à nova vaga de emigrantes, que o Governo estima se cifre em 120 mil a 150 mil saídas anuais.

"Continuam a chegar pessoas em situações precárias. Não há muito mais saída para as pessoas que estão em Portugal e a situação está a agravar-se. (...) As pessoas estão a emigrar sem contrato de trabalho ou qualquer relação e é aqui que está o problema. Partem numa autêntica aventura", disse à agência Lusa Francisco Sales, diretor da Obra Católica Portuguesa das Migrações (OCPM).

O religioso adiantou que a denúncia dos casos na Suíça gerou "grande abertura" dos consulados ao trabalho das missões e alertou para os perigos de uma emigração desinformada.

"Na Suíça existe um grande trabalho e estão a constituir-se alguns espaços de acolhimento e resposta a nível alimentar e de outras necessidades básicas dos emigrantes", considerou.

"Depois de toda a visibilidade que se deu ao problema suíço, a situação tem estado mais calma possivelmente porque as pessoas se começaram a precaver e a não se lançar na aventura e porque as instituições que estão no terreno, ao tomarem consciência da realidade, foram ao encontro das necessidades que estavam à vista de todos", acrescentou.

Adiantou que na França e no Luxemburgo não surgem tantos casos de emigrantes em situações de pobreza extrema e que as preocupações se voltam agora para o Reino Unido, onde tem surgido relatos de portugueses a viver nas ruas.

"Em Londres, sabemos de pessoas sem-abrigo e muita gente que vive situações difíceis. As pessoas emigram com a expectativa de melhorar a vida e resolverem os problemas e depois caem nesta degradação total, mas não voltam para Portugal por vergonha", disse.

Frei Francisco Sales tem a expectativa de que da reunião de Lisboa, na qual participa o secretário de Estado das Comunidades, José Cesário, possam sair orientações e parcerias entre as missões católicas portuguesas e as secções locais da Caritas.

"A Caritas é uma instituição tem muitos meios e mais possibilidades económicas para responder a algumas situações e esperamos que possam surgir algumas parcerias, um trabalho que seja a resposta a esta realidade. Espero também que consigamos envolver a secretaria de Estado das Comunidades e através dela os consulados para todos juntos criemos uma plataforma que dê resposta o mais imediato possível às situações que vão emergindo", sublinhou.

Fonte:

[http://www.bomdia.lu/index.php?option=com\\_content&task=view&id=15685](http://www.bomdia.lu/index.php?option=com_content&task=view&id=15685) - 18.04.2012

### Muçulmanos sofrem discriminação por expressarem a sua fé

Os governos europeus devem fazer mais para desafiar os estereótipos negativos e o preconceito existente contra os muçulmanos que estão a alimentar a discriminação, especialmente no campo laboral e na educação, revela um novo relatório da Amnistia Internacional.

"Estão a ser recusados trabalhos às mulheres muçulmanas e as raparigas estão a ser proibidas de frequentarem aulas normais apenas por usarem vestuário tradicional, tal como o véu. Os homens podem ser dispensados por usarem barbas tradicionalmente associadas com o Islão", afirma

Marco Perolini, especialista em discriminação da Amnistia Internacional.

“Em vez de combaterem estes preconceitos, os partidos políticos e autoridades públicas são muitas vezes coniventes com eles por uma questão de votos”.

O relatório “Choice and prejudice: discrimination against Muslims in Europe” demonstra o impacto da discriminação contra os Muçulmanos com base na religião ou crença em vários aspetos das suas vidas, incluindo no emprego e educação.

O documento centra-se na Bélgica, França, Holanda, Espanha e Suíça, onde a Amnistia Internacional tem levantado alguns problemas, tais como as restrições na criação de locais de culto e as proibições do uso de véus que cobrem todo o rosto. O relatório documenta vários casos individuais de discriminação nos países abrangidos.

“O uso de símbolos religiosos e culturais e a forma de vestir fazem parte do direito à liberdade de expressão. Fazem parte do direito à liberdade de religião ou crença – e estes direitos devem ser gozados por todos os credos de igual forma”, acrescenta Marco Perolini.

“Enquanto toda a gente tem o direito de expressar os seus antecedentes culturais, tradicionais ou religiosos usando determinado vestuário, ninguém deveria ser pressionado ou coagido a fazê-lo. Proibições generalistas de formas de vestir particulares, que violam os direitos dos que são livres de escolher vestirem-se de determinada maneira, não é a resposta”.

O relatório destaca que a legislação que proíbe a discriminação em questões laborais não foi implementada adequadamente na Bélgica, França e Holanda. Os empregadores foram autorizados a discriminar baseando-se no facto de que os símbolos culturais e religiosos iriam chocar os clientes ou colegas ou de que existiria um conflito com a imagem corporativa de uma empresa ou com a sua ‘neutralidade’.

Isto entra em conflito direto com a legislação anti discriminação da União Europeia que apenas permite diferenças de tratamento em questões laborais se especificamente requeridas pela natureza da ocupação.

“A legislação da EU que proíbe a discriminação com base na religião ou crença no campo laboral parece ser ineficaz na Europa, enquanto observamos a subida da taxa de desemprego entre os Muçulmanos e, especialmente, entre as mulheres Muçulmanas de origem estrangeira”, afirma Marco Perolini.

Em França, em 2009, a taxa de empregabilidade de mulheres com cidadania francesa era de 60,9% enquanto a de mulheres marroquinas no país era de 25,6% e a de mulheres turcas de 14,7%. Na Holanda, em 2006, a taxa de empregabilidade de mulheres de origem turca e marroquina era de 31% e 27%, respetivamente, menor quando comparada com a taxa de 56% das mulheres holandesas que não são oriundas de minorias étnicas.

Na última década, os alunos têm sido proibidos de utilizar véus ou outro vestuário religioso e tradicional nas escolas de muitos países, incluindo Espanha, França, Bélgica, Suíça e Holanda.

“Qualquer restrição no uso de símbolos culturais e religiosos e no vestuário nas escolas devem ser baseadas na avaliação das necessidades em cada caso individual. As proibições gerais prejudicam negativamente o acesso das raparigas Muçulmanas à educação e violam os seus direitos à liberdade de expressão e à manifestação das suas crenças”, afirma Marco Perolini.

O direito da criação de locais de culto é um elemento fundamental no direito à liberdade de expressão de religião ou crença, o que tem sido restringido em alguns países da Europa, apesar das obrigações do estado em proteger, respeitar e cumprir este direito.

Desde 2010, a constituição suíça tem-se direcionado especificamente para os Muçulmanos com a proibição da construção de minaretes, incorporando estereótipos anti Islão e violando as obrigações internacionais que a Suíça é obrigada a respeitar.

Na Catalunha (Espanha), os Muçulmanos têm de rezar em espaços exteriores porque os locais de culto existentes são demasiado pequenos para acomodar todos os fiéis e os pedidos para a construção de mesquitas estão a ser considerados incompatíveis com o respeito para com as tradições e cultura da Catalunha. Isto vai contra a liberdade de religião, que inclui o direito ao culto coletivo em locais adequados.

“Há uma corrente de opiniões em muitos países europeus de que o Islão e os Muçulmanos são aceitáveis desde que não sejam muito visíveis. Esta atitude está a gerar violações dos direitos humanos e precisa de ser combatida”, defende Marco Perolini.

Fonte: [http://www.amnistia-internacional.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=971%3Amuculmanos-sofrem-discriminacao-por-expressarem-a-sua-fe&catid=35%3Anoticias&Itemid=23](http://www.amnistia-internacional.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=971%3Amuculmanos-sofrem-discriminacao-por-expressarem-a-sua-fe&catid=35%3Anoticias&Itemid=23) - 24.04.2012

## População muçulmana cresce 29% em 10 anos no Brasil

*São Paulo concentra o maior número, seguido do Paraná e do Rio Grande do Sul*

O número de muçulmanos no Brasil cresceu 29,1% de 2000 a 2010, segundo o último Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A comunidade passou de 27.239 pessoas para 35.167. No mesmo período, a população brasileira aumentou em 12,3%.

As regiões com maiores concentrações de muçulmanos coincidem com as que têm grandes comunidades de origem árabe: o estado de São Paulo em primeiro lugar, seguido do Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Mas todas as unidades da federação têm pessoas que se declararam seguidoras da religião.

Para Cláudio Crespo, pesquisador do IBGE, o aumento do número de muçulmanos pode ter ocorrido por várias razões, como nascimentos, conversões, migrações e até uma melhoria na captação de informações pelo próprio Censo. "Podem ser todos estes fatores", disse.

Um exemplo é o do empresário de comércio exterior Leandro Massud, de 35 anos, que se converteu ao Islã no período. Paulistano, neto de libaneses cristãos por parte de pai, ele começou a ter um contato mais próximo com a religião ao buscar suas origens. "O interesse nasceu em uma viagem que eu fiz ao Líbano em 1999, com meu pai e meu irmão. Eu senti uma ligação bem bacana com aquela terra", contou.

A partir daí, Massud buscou mais informações sobre o país, a língua árabe, a cultura e a religião. Ele conta que conseguiu uma edição do Corão, livro sagrado dos muçulmanos, com tradução para o português na Wamy, entidade de divulgação do Islã. Começou a estudar por conta própria, mas surgiu "um trilhão de dúvidas" e resolveu procurar as mesquitas de São Bernardo, na Grande São Paulo, onde mora hoje, e do Brás, na região central da capital paulista, e a própria Wamy.

Anos se passaram até que ele se decidisse pela conversão, ou "reversão", como os muçulmanos chamam. Massud afirma que viu na religião a possibilidade de uma vida mais serena e de maior autoconhecimento. "Hoje eu sou mais disciplinado, mais ligado à família, mais apegado às pessoas, levo uma vida bem mais tranquila", destacou. "Eu não abandonei meus antigos amigos, continuo a me relacionar com quem eu já me relacionava, mas adicionei muita gente ao meu convívio", acrescentou.

O empresário viaja com frequência a Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, a negócios e aproveita para visitar mesquitas e para conversar com seguidores locais da religião. No próximo ano ele

pretende fazer a Umra, pequena peregrinação a Meca, na Arábia Saudita, e posteriormente o Hajj, grande peregrinação anual.

Casado e pai de Tariq, prestes a completar dois anos, Massud espera que o garoto siga o Islã. "O Tariq tem ido à mesquita comigo, a eventos [da comunidade], como a festa de encerramento do Ramadã. Tenho puxado ele [para a religião]. Já demos um nome islâmico. Ele vai ter livre arbítrio, mas o que puder fazer para trazê-lo [à crença] eu vou tentar", declarou.

### *Imigrantes*

No caso das migrações, Crespo, do IBGE, disse, por exemplo, que o Brasil se tornou mais atrativo para os estrangeiros desde que os países ricos passaram a sofrer com a crise financeira, em 2008. Além disso, a presença de familiares e conhecidos facilita a escolha do novo local de moradia, afinal o Brasil é desde o final do século 19 um tradicional destino de imigrantes árabes.

Quem se mudou para o País na década passada foi Islam Shaheen, de 36 anos, nascido em Alexandria, no Egito. Dono de uma empresa de logística em sua terra natal, ele casou com uma brasileira convertida ao Islã que conheceu por meio de uma amiga em comum. "Eu não estava planejando [mudar para o Brasil], mas como eu casei com uma brasileira...", disse.

Shaheen, formado em contabilidade, chegou a São Paulo em 2006 e arrumou emprego na área de controle de qualidade da Central Islâmica Brasileira de Alimentos Halal (Cibal Halal), certificadora de produtos feitos de acordo com regras muçulmanas, onde está até hoje. "Eu tive sorte de aparecer um emprego numa empresa muçulmana", afirmou.

Para ele, a diferença da língua foi o principal problema que enfrentou quando chegou. "Eu procurava pessoas que conseguissem falar inglês, mas era difícil achar", contou. "Fiquei um ano assistindo TV para aprender", brincou, acrescentando que após saber o básico passou a fazer aulas de português.

Pai de uma filha de quatro anos, Shaheen disse que há poucas mesquitas em São Paulo e elas ficam longes umas das outras. Às vezes isso torna difícil manter tradições. No Ramadã, por exemplo, mês em que os muçulmanos jejuam durante o dia, volta e meia ele tem que quebrar o jejum na rua, pois não dá tempo de chegar a um templo para a tradicional refeição comunitária que ocorre após o pôr do sol, o Iftar.

Segundo o IBGE, entre os muçulmanos brasileiros, 21.042 são homens e 14.124, mulheres, a maioria

esmagadora vive em áreas urbanas, 29.248 se declararam brancos, 1.336, negros, 268, asiáticos, e 4,3 mil, pardos. Um dado curioso: 15 indígenas se disseram muçulmanos, contra 24 em 2000.

Fonte: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/24157/populacao+muculmana+cresce+29%25+em+10+anos+no+brasil.shtml> - 06.09.2012

## **ACNUR e organizações religiosas concordam em expandir cooperação a favor dos deslocados no mundo**

Um importante encontro entre o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e representantes de religiões e de ONGs de orientação religiosas terminou hoje, em Genebra, com um acordo para dinamizar a cooperação em apoio às populações deslocadas por conflitos e apátridas do mundo.

O ACNUR, uma organização humanitária apolítica e sem orientação religiosa, trabalha há mais de 60 anos na ajuda de pessoas deslocadas ao redor do mundo. Em comum com organizações de cunho religioso, o ACNUR busca prover proteção e assistência a estas pessoas que foram forçadas a fugir devido a conflitos, perseguições e violações dos direitos humanos.

Ao falar no encerramento do encontro, o Alto Comissário da ONU para Refugiados, António Guterres, disse que uma cooperação mais próxima entre organizações humanitárias e instituições de orientação religiosa servirá para melhor assistir os deslocados em todo o mundo.

“Religião e espiritualidade motivam pessoas, comunidades e organizações a ajudar as pessoas em necessidade e salvá-las do perigo”, disse Guterres, ressaltando que a relação entre o trabalho humanitário e os valores e princípios que estão na base das grandes religiões do mundo. “Neste encontro, houve um reconhecimento unânime da valorosa contribuição das organizações e comunidades religiosas à proteção dos refugiados e outras populações deslocadas”.

O encontro desta semana com representantes e organizações de diferentes orientações religiosas foi o primeiro deste tipo para o ACNUR. Mesmo assim, durante este ano, a agência da ONU para refugiados teve diversos encontros com ONGs para ampliar a cooperação com este tipo de instituição, além de uma reunião específica com a Organização de Cooperação Islâmica (Organization of Islamic Cooperation).

Representantes de governos, organismos internacionais e ONGs laicas também participaram do encontro desta semana, em Genebra.

Guterres disse que embora muitos participantes tenham reconhecido que violência e perseguição também acontecem em nome da religião, todos concordaram que podem trabalhar para reduzir a intolerância religiosa e integrar-se mais nos esforços de prevenção de conflito e reconciliação. O Alto Comissário também ressaltou os pontos em comum entre organizações humanitárias e as instituições participantes.

“Agentes de instituições orientadas por religião ou princípios de fé têm um papel desde o início das crises, com vistas a promover soluções duradouras antes que uma crise de refugiados se torne prolongada”, disse Guterres. “Também podem ajudar a prevenir conflitos e lidar com as raízes do deslocamento forçado, ajudar refugiados a tomar decisões sobre sua situação e atuar para que a integração de refugiados em suas comunidades seja sustentável”, ressaltou.

Diferentes grupos de trabalho realizados durante o encontro propuseram ideias para ajudar a integração de pessoas deslocadas em novas comunidades, incluindo a promoção de atitudes positivas em relação a estrangeiros e o enfrentamento da xenofobia.

Guterres disse ainda que o ACNUR buscará colocar algumas dessas ideias em prática. Ele afirmou que o ACNUR buscará aprofundar seu conhecimento sobre diferentes tradições religiosas e se engajar melhor com estes atores. “O diálogo iniciado nesta semana deverá ser institucionalizado e aberto a outras organizações humanitárias, ONGs e instituições religiosas”, afirmou António Guterres.

Fonte: <http://csem.org.br/csem/noticias/639-acnur-e-organizacoes-religiosas-concordam-em-expandir-cooperacao-a-favor-dos-deslocados-no-mundo> - 17.12.2012

## **Apostolado do mar, lar dos migrantes**

*Rio de Janeiro terá centro de apoio aos imigrantes na paróquia Santa Cecília. Iamê Barata*

O trabalho com os marinheiros e a sua origem Scalabriniana, levou o Padre a perceber a importância de um trabalho mais específico com os migrantes que chegam à cidade carioca. A partir da segunda quinzena do mês de fevereiro deste ano, outro padre chegará a Paróquia para realizar um trabalho mais próximo a essas pessoas. Haitianos, colombianos, peruanos e todas as outras nacionalidades do globo poderão ser atendidas no local. Os modos de apoio e ajuda ainda não foram estabelecidos. No entanto, o desejo de que a Paróquia Santa Cecília seja vista como a Paróquia do migrante já é externado por ele.

Quem passa pela Paróquia Santa Cecília, localizada em um bairro da zona sul do Rio de Janeiro, não imagina o trabalho desempenhado em nome do amor e do respeito por parte de sua congregação. Com o objetivo de promover a dignidade e melhores condições de vida aos marinheiros, há mais de doze anos, eles realizam uma atividade de cunho humanitário e religioso, o Apostolado do Mar. Hoje, supervisionado pelo Padre Cesar.

O Apostolado foi criado em 1899, em Glasgow, na Escócia, com o propósito de ser um centro de acolhimento para os trabalhadores do mar. Com o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, as atividades foram interrompidas e foram retomadas apenas em 1920 com a benção da Santa Sé, o que possibilitou a estabilização do trabalho por todo o mundo.

Atualmente, o Apostolado do Mar está incorporado ao Pontifício Conselho para os Migrantes e Itinerantes. Seu principal objetivo é oferecer cuidado humano, jurídico e religioso a todos os trabalhadores marítimos. Esse cuidado também se estende as famílias e dependentes dos marinheiros, pois, muitas vezes, o Apostolado torna-se uma espécie de mediador entre eles. Por meio de casas de acolhimento (o Centro Stella Maris), transporte, alimentação, telefonia e internet, esta ajuda ganha contornos práticos. Celebrações, confissões e aconselhamento também são outras formas de apoio a esses trabalhadores.

No Brasil, este trabalho iniciou-se na década de 1970, em Santos, onde está localizado o maior porto do país e da América Latina. O Bisbo diocesano, Dom David Picão, foi a primeira pessoa a iniciar esta atividade com o apoio dos Missionários Scalabrinianos, cujo carisma é trabalhar com os migrantes e itinerantes. Em um período mais recente, 1998, um Centro Stella Maris foi criado no Rio de Janeiro e em 2010 no

Rio Grande do Sul, também sob responsabilidade dos Missionários Scalabrinianos. Somando um total de sete casas de apoio junto a Fortaleza, Pernambuco e Vitória.

Com exceção do Rio Grande do Sul, o Rio Janeiro é a única cidade que possui um Centro Stella Maris dentro do porto. Para o Padre Cesar, isso apresenta tanto pontos negativos quanto positivos. A facilidade situa-se no fato dos marinheiros poderem ir a pé ao encontro da casa de apoio. No entanto, há uma dificuldade de se acessar as tecnologias na localidade. “Não há acesso à internet rápida”, informa ele. Essa situação leva ao aumento dos gastos, já que é necessário utilizar internet a rádio, um produto bastante caro.

O trabalho do Padre Cesar, junto aos seus dois funcionários, ocorre de segunda-feira à sábado e, quando necessário, aos domingos também. O respeito à vida e a todo e qualquer cidadão, leva essas três pessoas a estarem de meio dia às nove horas da noite diariamente no porto do Rio de Janeiro. Ajuda para entrar em contato com a família, informações sobre a cidade, garantia dos direitos laborais e ritos ecumênicos são algumas das atividades realizadas. Devido ao fuso horário de alguns países, este jornada pode ser estendida.

O trabalho com os marinheiros e a sua origem Scalabriniana, levou o Padre a perceber a importância de um trabalho mais específico com os migrantes que chegam à cidade carioca. A partir da segunda quinzena do mês de fevereiro deste ano, outro padre chegará a Paróquia para realizar um trabalho mais próximo a essas pessoas. Haitianos, colombianos, peruanos e todas as outras nacionalidades do globo poderão ser atendidas no local. Os modos de apoio e ajuda ainda não foram estabelecidos. No entanto, o desejo de que a Paróquia Santa Cecília seja vista como a Paróquia do migrante já é externado por ele.

A longa rotina de trabalho desempenhada pelo Padre é encarada de uma forma bastante natural. Ele não se mostra nem um pouco cansado. Ao contrário, mostra-se, por meio de um olhar esperançoso, que ainda há muito mais o que fazer. E é este sentimento de empatia com o próximo junto ao amor e a vontade de promover dignidade e respeito para qualquer pessoa é o que move este Padre. Mais que um ato religioso, Padre Cesar, realiza um ato humano.

Fonte: <http://oestrangeiro.org/2013/02/19/apostolado-do-mar-lar-dos-migrantes/> - 19.02.2013

**ENGLISH****Immigrants remaking Canada's religious face in surprising ways***Douglas Todd*

Canada is welcoming more than the global average of immigrants who are Christian, Sikh, Buddhist and non-religious.

The country, however, is taking in less than the global average of immigrants who are Muslim, Hindu and Jewish.

Those are some of the surprising findings of a sweeping global survey on immigration and religion conducted by the independent Pew Forum on Religion and Public Life.

The report, titled Faith on the Move, provides an enormous amount of data on the religious loyalties of the world's 214-million immigrants, a group larger than the population of Brazil.

Canada, which has 7.2 million permanent residents who were not born in the country, is the fifth most popular destination for the world's immigrants. This country of 34 million accepts twice as many immigrants per capita as the U.S.

The Pew Forum report, which describes migration patterns in every country of the world, makes clear that immigration is changing the religious face of Canada in unexpected ways.

For instance, even though some Canadians believe that Muslim immigrants will soon predominate, only nine per cent of all newcomers are Muslim. That's in contrast to global people trends, where Muslims make up 27 per cent of immigrants.

The majority of Canada's immigrants - six in 10 - are Christians. That's an even higher ratio than across the planet, where Christians make up five in 10 of those moving permanently to new countries (as well as the largest immigrant group in Europe).

Christians who have started new lives in Canada are most likely to hail from Britain (500,000), the Philippines (350,000), Italy (330,000), the U.S. (220,000), Germany (160,000), Jamaica (120,000) and South Korea (100,000).

The second-largest group of migrants to Canada are the religiously unaffiliated. They include atheists and agnostics and the "spiritual but not religious."

Non-religious migrants account for 17 per cent of new-comers to Canada (roughly the same proportion this cohort accounts for among all Canadians). However, the non-religious make up only nine per cent of all immigrants globally. The solid majority of non-religious settlers are from

main-land China (390,000). Two out of three immigrants from mainland China describe themselves as unaffiliated. They're followed by non-religious from Hong Kong (140,000), the U.K. (140,000), U.S. (70,000), Vietnam (50,000) and Taiwan (40,000).

A significant factor behind Census Canada discovering more than 35 per cent of Metro Vancouver residents have "no religion" can be chalked up to the unusually high inflow of immigrants from these East Asian countries.

The third-largest group of newcomers to Canada, defined by religion, are Muslims.

And, contrary to widespread belief, most of Canada's Muslim immigrants do not come from Arab countries. The strong majority are from Pakistan (130,000), Iran (80,000), India (40,000), Afghanistan (40,000) and Bangladesh (30,000). The largest Arab source countries for Muslims are Lebanon (30,000) and Algeria (30,000).

After taking into account the world's Christians and Muslims (who together account for half the global population), the percentage of those on the move from other religions falls dramatically.

Despite accounting for almost 15 per cent of all residents of the planet, only five per cent of Hindus have ever emigrated.

In Canada, just four per cent of newcomers are Hindus (mostly from India and Sri Lanka).

That is the same proportion of Canadian immigrants who are Buddhist, a percentage slightly higher than the global average.

Despite Buddhism's historical roots in mainland China, only 10,000 of Canada's 550,000 mainland Chinese immigrants are Buddhist. Buddhist immigrants in Canada come mainly from Vietnam (90,000), followed by Hong Kong (20,000) and Taiwan (20,000).

The Pew Forum did not officially include the world's 23 million Sikhs in its country-by-country study. But Statistics Canada independently con-firms that Sikhs (from India) make up about four per cent of all immigrants, including almost 200,000 residents of B.C.

Even though only two per cent of immigrants to Canada are Jewish (slightly lower than the worldwide average for Jews), that is mainly a reflection of Judaism being a small religion. Of any religious group, Jews are the most likely in the world to leave their country of origin. The Pew Forum report said 25 per cent of Jews alive today have immigrated, compared to just five per cent of Christians and four per cent of Muslims.

Fonte:

<http://www.vancouversun.com/life/Immigrants+remaking+Canada+religious+face+surprising+ways/6434412/story.html> - 10.04.2012



## Muslims in Switzerland “lack legal protection”

*Muslims in Switzerland face discrimination, while the country allows legislative gaps on racism to remain open, an Amnesty International report has claimed.*

*Clare O'Dea*

The report, entitled Choice and Prejudice, also looked at the problem of discrimination against Muslims in Belgium, France, the Netherlands and Spain.

It concluded that visible symbols of this religious group, including headscarves, beards and minarets, were often viewed with hostility and that Muslims experienced discrimination in employment, education and other areas.

“Discrimination against Muslims in Europe is fuelled by stereotyped and negative views, which fail to take into account basic demographic and sociological factors such as the diversity of Muslim groups as well as their cultural and religious practices across the region,” it stated.

The President of the Swiss Federal Commission on Racism, Martine Brunschwig Graf, welcomed the report, adding that the commission had already put forward solutions to cover the gaps in anti-discrimination legislation.

### *Legal hurdle*

Switzerland's main failing towards its Muslim population, according to Amnesty, is the lack of comprehensive legislation covering racism and discrimination.

The report concluded that Switzerland had not implemented recommendations from human rights treaty bodies relating to legislation, including those of the UN Committee on Economic, Social and Cultural Rights in 2010.

While the Swiss constitution does enshrine the principle of equality and the prohibition of discrimination on several grounds – including race and religious beliefs – this does not translate into adequate protection within society, the report argued.

Swiss civil legislation does not recognise the sharing of the burden of the proof in cases of discrimination, except on the grounds of gender. This has proved to be a significant hurdle to initiating legal proceedings, the report said.

Brunschwig Graf echoed Amnesty's call for shared burden of proof and the need for an equality body to monitor domestic anti-discrimination legislation.

### *Data gap*

While commending the role of the commission in monitoring discrimination, the Amnesty report was critical of the lack of available data in Switzerland which led to policy decisions being made based on insufficient information.

“Indeed it is not clear on what grounds the Swiss government bases its claims that stronger legislation is not necessary,” it stated.

Brunschwig Graf pointed to the federalist cantonal system which creates difficulties in gathering centralised information.

“That is the problem with statistics in Switzerland in general but we are working towards more coordination between the cantons. We are just at the beginning. It's important to be completely transparent to restore confidence,” she told [swissinfo.ch](http://swissinfo.ch).

On the issue of freedom to worship, the human rights group expressed concern about “the discriminatory provision prohibiting the building of minarets in Switzerland”. Swiss voters accepted a proposed ban on the construction of minarets in a 2009 referendum.

“States should ensure that the right to have adequate places of worship, which is a key component of the right to freedom of religion or belief, is fulfilled,” the report said.

### *Dress code*

Swiss employers also came under criticism in the report with regard to dress codes. Amnesty found that some companies restricted the wearing of religious and cultural symbols and dress.

The country's two largest supermarket chains, Migros and Coop, were mentioned in the report as applying uniform policies for employees in contact with the public – which effectively excluded the possibility of them wearing Muslim headscarves.

“Company policies that restrict the display of religious and cultural symbols in order to promote a specific corporate image ... are not based on a reasonable and objective justification and are therefore discriminatory,” the report said.

“Such policies also violate the rights to freedom of expression of Muslims and other religious minorities,” it added.

In response to the criticism, Coop told [swissinfo.ch](http://swissinfo.ch) that all its in-store employees were expected to

wear a uniform which did not include a headscarf. This requirement does not apply to back office or production staff.

"Our personnel advisors pro-actively discuss the headscarf issue when they come across a job applicant wearing a headscarf and we make them aware of our rules. We do however take the trouble to find a good solution with those affected," Coop added.

## **Young Turks Increasingly Favor Integration and Religion**

*Hardly a year goes by in Germany without a shrill debate on immigration and Islam. Despite the public hand-wringing, however, those in the country with a Turkish background are increasingly eager to integrate, according to a new survey. But younger Turks are also becoming more religious.*

When news hit the headlines this spring that Salafists in Germany were handing out free Korans in city centers across the country, the outcry was immediate. Politicians called for the campaign to be banned, journalists wrote extensively about Salafist radicalism and even the publishing house printing the free Korans distanced itself.

One group of people living in Germany, however, was not nearly as put off by the promotion. According to a new survey among those of Turkish descent living in the country, almost two-thirds of those aged between 15 and 29 consider the distribution of the Koran to be "good" or "very good," and one-third of them would donate money to the cause.

The result, says Holger Liljeberg, who heads Info GmbH, the company that conducted the survey, "could be the result of a resurgence among young people of religious values from their parents' homeland."

Liljeberg, however, warned against concluding that the survey results -- based on interviews with 1,011 people of Turkish heritage in Germany over the age of 15 -- indicate a trend toward radicalization. Indeed, even as the number of those who identify themselves as strictly religious is rising (from 33 percent in 2009 to 37 percent this year), so too is the share of immigrants who wish to integrate completely into German society.

### *Eagerness to Integrate on the Rise*

It is the latter trend that is perhaps the most surprising. Hardly a year goes by in Germany without a bout of highly public hand-wringing over the country's population of 4 million Muslims (out of roughly 82 million total inhabitants). This year, it was the Salafists and their subsequent violence in

Field research for the report was conducted throughout 2011. Amnesty International representatives spent an average of ten days in each country and carried out more than 200 interviews.

Fonte:

[http://www.swissinfo.ch/eng/swiss\\_news/Muslims\\_in\\_Switzerland\\_lack\\_legal\\_protection.html?cid=32543058](http://www.swissinfo.ch/eng/swiss_news/Muslims_in_Switzerland_lack_legal_protection.html?cid=32543058) – 24.04.2012

response to anti-Islam agitation at the hands of the right-wing populist party Pro-NRW -- and the brief debate about circumcision. In 2010 and 2011, it was an extended debate kicked off by the breathtakingly facile book on Muslims by Germany's provocateur-in-chief Thilo Sarrazin, which argued among other things that immigration was bringing down the country's IQ.

Yet, despite the at times shrill nature of the debate, the survey published on Friday seemed to indicate that overtly racist verbal assaults on those with Turkish backgrounds are dropping. Whereas a similar survey in 2010 found that 42 percent of respondents claimed to have been publicly insulted because of their Turkish appearance, that number has now dropped to 29 percent, though it is close to 50 percent among those under 30.

Furthermore, the willingness of Turkish migrants and their descendents to integrate into German society remains high and is climbing. Whereas 70 percent said in 2010 that they want to "absolutely and without reservations integrate into German society," the new survey found that 78 percent of respondents agreed. Similarly, whereas 59 percent said two years ago that they wanted to belong to German society, 75 percent say so now. Fully 95 percent say that all children with Turkish backgrounds should go to day care facilities so as to learn German prior to entering school.

### *Increasingly Religious*

Overall, the survey released on Friday paints an image of a Turkish community in Germany that is split between a trend toward increased religiosity, particularly among the younger generations, and a desire to fit into German society. For example, whereas only 8 percent of those surveyed said they were in favor of purely Turkish-language elementary schools for children with Turkish backgrounds, 62 percent (up from 40 percent in 2010) said they prefer hanging out with fellow Turks.

In addition, even as the willingness to integrate appears to be on the rise, the number of those who identify Germany as their homeland appears to be dropping. Whereas 21 percent said they saw Germany as more of a homeland than Turkey in 2010, that number has now dropped to 15 percent.

Furthermore, the number of those who say they plan to eventually return to Turkey has risen from 42 percent to 45 percent -- though the most common reasons given are a desire to spend one's retirement in Turkey and the considerably better weather there.

Interestingly, however, it is the under-30 demographic that is most likely to identify Germany as their home -- the same group that appears to be growing increasingly religious. Fully 70 percent of

those under 30 expressed a desire for more mosques in Germany, 15 percentage points higher than the average for all respondents. Seventy-two percent say that Islam is "the only true religion."

"The study shows that there is an increasing focus on traditional and religious values," says Liljeberg.

Fonte: <http://www.spiegel.de/international/germany/survey-turks-in-germany-willing-to-integrate-but-more-religious-a-850607.html> - 17.08.2012

## The New Values Voters: Immigration

This past March, a month that marked the 47th anniversary of the Selma to Montgomery march in 1965, faith leaders joined activists and advocates on the historic Edmund Pettus Bridge in Alabama to protest the state's anti-immigration law, H.B. 56, which has had drastic consequences on immigrant and U.S.-born families since its passage last November. Just as the 1960s' civil rights movement was inspired and championed by religious leaders who articulated the moral imperative for legal, political, and cultural reform, religious leaders today are calling upon the nation to create a common-sense immigration process that reflects our nation's core values of treasuring human dignity, honoring family, and caring for our neighbor.

Faith-based advocacy for immigrants and their families is nothing new. Yet as states continue to propose and pass anti-immigrant legislation, the chorus of faith-based voices calling for the creation of a realistic process that includes a roadmap for New Americans who aspire to be citizens has strengthened and diversified. Conservative evangelicals, Mormons, mainline Protestants, and Southern historically black churches have all stood up—and in some cases worked together—to push for policies that protect immigrant communities.

### *The role of faith leaders*

Faith leaders see the effects of anti-immigrant policies in their congregations and communities. They witness firsthand that children are afraid to go to school, neighborhoods are afraid to report crime to the police, families are afraid of being broken up, and entire communities are targeted because of how they look and speak. Faith communities minister to immigrant communities in a variety of ways. In addition to worshipping together, they run legal clinics, deportation ministry programs, and provide housing, health, and education opportunities.

Many religious denominations have long been on record supporting federal comprehensive immigration reform. As immigrant communities

continue to grow, they have begun working to build awareness in their congregations about the harmful impact of state anti-immigrant laws and the need for a federal solution. For instance, the American Baptist Churches USA, provides congregational and theological resources for their followers.

Churches are also helping to foster dialogue and build relationships among communities already impacted by demographic changes. In Ohio, for example, United Methodist churches have created programs to equip congregations to become welcoming communities. The Interfaith Immigration Coalition, a national group of more than 30 faith-based groups that has long advocated for federal immigration reform, is also now working in the states to provide local communities with resources to push back against anti-immigrant laws, including detention and deportation policies.

### *Building new faith allies*

Support for immigrant families is expanding to faith communities that haven't historically championed immigration policy reform. In the last several years, evangelical pastors, professors, and students have gathered in the south and midwest to discuss the biblical significance of immigration. G92 Summits, which have attracted hundreds, focus on the 92 times the word "stranger" or "sojourner" appears in the Bible.

In May leading evangelical leaders made a historic move by forming the Evangelical Immigration Table to set forth key principles for immigration reform. More than 150 prominent evangelical leaders joined this effort, urging the nation's leaders to pass legislation that will respect the dignity of every person and the rule of law, protect the family unit, and create a roadmap to citizenship. According to a Public Religion Research Institute survey last year, a majority (54 percent) of evangelicals now support the creation of an immigration process that achieves these goals.

### *Mobilizing local leaders*

As federal legislation stalled, battles over immigration moved to the states. Faith communities advocated in Arizona, Alabama, South Carolina, and Georgia where anti-immigrant legislation was enacted. They're also active in Tennessee, Mississippi, Florida, Missouri, and Virginia, where harmful legislation was proposed.

One of the harshest anti-immigrant laws, H.B. 56, is in Alabama. Local faith leaders there have been incredibly active in their calls to repeal the law. They have held vigils and rallies, organized clergy press conferences, and contacted the legislature to document the harmful impacts of the law.

After clergy in Tennessee saw the dire effects of neighboring Alabama's immigration law, they began to mobilize. Clergy for Tolerance consists of more than 220 faith leaders across the state who denounced anti-immigrant rhetoric in their state and in a public letter urged candidates in the Republican primary campaigns not to bring "highly charged and negative campaign rhetoric" into the state. Citing President Abraham Lincoln, faith leaders expressed the hope that language around immigration would touch "the better angels of our nature."

In Missouri more than 50 faith leaders signed a public letter opposing a Senate bill that would force teachers in schools to take a formal count of their students in order to report those young Americans who might not have immigration status, calling it a violation of the Constitution and of their faith. And in Mississippi Lutheran and Catholic Bishops publicly opposed an anti-immigrant bill similar to Alabama's law, HB 56.

#### *Calling on the federal government*

In addition to working at the local and state level, faith communities are pressing the federal government to enact legislation that creates a common-sense immigration process. The majority

of Americans (77 percent) support these communities and are in favor of a federal approach to immigration policy. And majorities of every religious group support a comprehensive overhaul, calling for both secure borders and a roadmap to citizenship. In fact, all the religious leaders who spoke at both the Republican and Democratic national conventions this summer represented faith communities that support comprehensive immigration reform.

This was evident in June when diverse faith leaders supported the Obama administration's announcement to allow an estimated 800,000 undocumented youth who were brought to the United States at a young age to apply for Deferred Action for Childhood Arrivals, a program which allows those approved to remain in the United States without fear of deportation and makes beneficiaries eligible for work authorization. From mainline Protestant denominations to the Conference of Catholic Bishops and even very conservative leaders like Jim Daley, president of Focus on the Family, all supported administrative action as being faithful to the "biblical notion of the family."

For millions of people of faith, immigration is a values issue. Unlike issues such as abortion and same-sex marriage, which tend to divide faith communities, support for common-sense immigration policies that respects core values of human dignity and family unity comes from faith communities across the political, cultural, and theological spectrum. When they go to the polls this November, these values voters will assess which leaders will make the hopes of New Americans who aspire to be citizens into reality.

Fonte:

<http://www.americanprogress.org/issues/religion/news/2012/10/02/40336/the-new-values-voters-immigration/>

02.10.2012

## **Islam Overtaking Catholicism as Dominant Religion in France**

*Meanwhile, the Socialist government in France recently inaugurated a new mega-mosque in Paris as a first step toward "progressively building a French Islam."*

A majority of people in France, according to a new poll, believe that Islam is too influential in French society, and almost half view Muslims as a threat to their national identity.

The survey reveals a significant degradation of the image of Islam in France. The findings also show that French voters are growing increasingly uneasy about mass immigration from Muslim countries,

which has been encouraged by a generation of political and cultural elites in France dedicated to creating a multicultural society.

The survey conducted by the French Institute of Public Opinion (or Ifop, as it is usually called) and published by the center-right Le Figaro newspaper on October 24, shows that 60% of French people believe that Islam has become "too visible and influential" in France -- up from 55% in an earlier survey two years ago.

The poll also reveals that 43% of French people consider the presence of Muslim immigrants to be

a threat to French national identity, compared to just 17% who say it enriches society.

In addition, 68% of people in France blame the problems associated with Muslim integration on immigrants who refuse to integrate (up from 61% two years ago), and 52% blame it on cultural differences (up from 40% two years ago).

The poll also shows a growing resistance to the symbols of Islam. Nearly two-thirds (63%) of French people say they are opposed to Muslim women wearing the veil or Islamic headscarves in public, compared to 59% two years ago.

Furthermore, the survey shows that only 18% of French people say they support the building of new mosques in France (compared to 33% in 1989, and 20% in 2010).

"Our poll shows a further hardening in French people's opinions," Jerome Fourquet, head of Ifop's opinion department, told Le Figaro. "In recent years, there has not been a week when Islam has not been in the heart of the news for social reasons: the veil, halal food, dramatic news like terrorist attacks or geopolitical reasons," he said.

France, which is home to an estimated six million Muslims, has the largest Muslim population in the European Union. There are now, in fact, more practicing Muslims in France than there are practicing Roman Catholics.

Although 64% of the French population (or 41.6 million of France's 65 million inhabitants) identify themselves as Roman Catholic, only 4.5% (or 1.9 million) of these actually are practicing Catholics, according to a separate survey on Catholicism in France published by Ifop in July 2009.

By way of comparison, 75% (or 4.5 million), of the estimated six million mostly ethnic North African and sub-Saharan Muslims in France, identify themselves as "believers;" and 41% (or 2.5 million) say they are "practicing" Muslims, according to an in-depth research report on Islam in France published by Ifop in July 2011.

Taken together, the research data provides empirical evidence that Islam is well on its way to overtaking Roman Catholicism as the dominant religion in France.

This trend is also reflected in the fact that mosques are being built more often in France than are Roman Catholic churches; nearly 150 new mosques are currently under construction in France.

The total number of mosques in France has already doubled to more than 2,000 during just the past ten years, according to a research report, "Constructing Mosques: The Governance of Islam in France and the Netherlands." The rector of the Grand Mosque of Paris, Dalil Boubakeur, has

called for the number of mosques in the country to be doubled again -- to 4,000 -- to meet growing demand.

By contrast, the Roman Catholic Church has built only 20 new churches in France during the past decade, and has formally closed more than 60 churches, many of which are destined to become mosques, according to research conducted by La Croix, a Roman Catholic daily newspaper based in Paris.

In recent weeks, tensions have flared over the proposed conversion of an empty church into a mosque in the central French town of Vierzon. The controversy involves Saint-Eloi's, a small church located in a working class neighborhood that has been taken over by immigrants from Morocco and Turkey.

With six churches to maintain and fewer faithful every year, Roman Catholic authorities in Vierzon say they can no longer afford to keep Saint-Eloi's. They now want to sell the building for €170,000 (\$220,000) to a Moroccan Muslim organization that wants to convert the church into a mosque.

In an interview with the French weekly newsmagazine Le Nouvel Observateur, Alain Krauth, the parish priest of the largest Catholic church in Vierzon, said: "The Christian community is not as important as it used to be in the past. If moderate Muslims buy Saint-Eloi's, we can only be happy that the Muslims of Vierzon are able to celebrate their religion." His comments were greeted with outrage by local citizens who are now trying to prevent the church from becoming a mosque.

Similar scenes are being played out across France. In the nearby city of Poitiers, around 70 members of a conservative youth group known as Generation Identity recently occupied a mosque that is being built in the heavily Muslim Buxerolles district of the city. The dawn raid on October 21 was intended as a protest against Islam's growing influence in France.

The protesters climbed onto the roof of the mosque (photos here) and unfurled a banner with the symbolic phrase "732 Generation Identity," a reference to the year 732, when Charles Martel halted the advance of the invading Muslim army to the north of Poitiers (also known as the Battle of Tours.)

Meanwhile, the Socialist government in France recently inaugurated a new mega-mosque in Paris as a first step towards "progressively building a French Islam."

The new mosque, located in the northern Paris suburb of Cergy-Pontoise, is not only vast in its dimensions (photos here), but is also highly visible

and symbolic: its towering minaret, which has purposely been designed to change the suburb's skyline by being taller than any church steeple in the neighborhood, is supposed to become the "new symbol of Islam in France."

Speaking on behalf of French President François Hollande at the inauguration ceremony of the mosque in Cergy, French Interior Minister Manuel

Valls articulated the Socialist government's policy vis-à-vis the construction of new mosques in France. He declared: "A mosque, when it is erected in the city, says a simple thing: Islam has its place in France."

Fonte: <http://csem.org.br/csem/noticias/217-undocumented-latinas-more-vulnerable-to-domestic-violence> - 21.08.12

## ESPAÑOL

### La religión persiste como tema sensible de debate en la Francia multicultural

La Francia multicultural del siglo XXI, más mestiza y más musulmana, observa cómo en la integración de los nuevos franceses la religión sigue siendo un tema sensible de debate en el que no se ha encontrado un término medio entre la instrumentalización y el análisis sensato.

El asesinato de siete personas el pasado marzo en Toulouse y Montauban por el terrorista islamista de origen argelino Mohamed Merah, quien dijo actuar en nombre de la organización Al Qaeda, no evitó que pese a los intentos de desvincular sus actos de sus creencias esa amalgama acabara sobre la mesa.

"¿Cuántos Merah hay en los barcos, en los aviones que cada día llegan a Francia llenos de inmigrantes?, se preguntó la líder del ultraderechista Frente Nacional, Marine Le Pen, la misma que declaró que se estaba engañando a los franceses al no indicarles que la carne que consumen es "halal" (sacrificada según el rito musulmán).

La campaña electoral que culmina con las elecciones del 22 de abril y 6 de mayo en primera y segunda vuelta, que hasta entonces se había centrado en cuestiones económicas y sociales, tomó durante una semana un rumbo suscitado por la emoción provocada por esas matanzas.

El fundamentalismo, según explicó a Efe el experto del Centro de Investigaciones Políticas de la Universidad parisina de Sciences, Gil Delannoi, no es específico de Francia sino del mundo musulmán, pero el miedo de que se acusara a los candidatos de instrumentalizar esa tragedia provocó que se perdiera la oportunidad de analizarlo a fondo.

Primó en un primer momento lo políticamente correcto, pero no han faltado en las últimas semanas ideas que cuestionan el equilibrio entre las diferentes comunidades que viven en Francia.

La propuesta de Le Pen de limitar las ayudas públicas a las familias que tengan al menos "un padre francés" y de prohibir todos los signos religiosos ostentosos, o la insistencia en la defensa del laicismo de Sarkozy son ejemplos de un discurso político que se ha radicalizado.

"El islam no es una etnia ni una cultura, sino una religión que conlleva un estilo de vida que no es el más fácil de conciliar con las tradiciones nacionales francesas", sostiene Delannoi.

Una opinión que confirma la de su colega en el Centro de Estudios Europeos (CEE) Virginie Guiraudon, según la cual "Francia es multicultural de facto", pero pese a su historia como país de acogida de inmigrantes "jamás ha tenido multiculturalismo a nivel institucional".

Distinguir las especificidades de las diferentes comunidades choca con la igualdad abanderada en el lema de la República, y la peligrosa ecuación entre islam, inmigración, inseguridad y terrorismo hace que el candidato que se atreva a abordarla tenga más posibilidades de recibir una crítica que la aprobación general.

"Todo problema del que el FN ha hecho un asunto demagógico es no apto para el tratamiento serio", señaló en entrevista con Efe el autor del libro "El nuevo populismo nacional", Pierre-André Taguieff, para quien "paradójicamente la existencia de ese partido beneficia en el fondo a lo políticamente correcto".

Francia se caracteriza a su juicio por la presencia de una fuerte comunidad musulmana, cifrable según sus datos en entre 5 y 7 millones de personas, sobre las que la ideología "asimilacionista" predominante ha sido interpretada algunas veces más como discriminación que como integración.

La voluntad de integrar y la resistencia de aceptar completamente como compatriotas a esos franceses forma parte de un viejo debate superado

en esta campaña por la crisis económica, pero que refleja, según esos expertos, que el problema persiste y estalla en cuanto un hecho puntual aparece como detonador.

Fonte: [http://www.elnortedecastilla.es/agencias/20120413/mas-actualidad/mundo/religion-persiste-como-tema-sensible\\_201204131335.html](http://www.elnortedecastilla.es/agencias/20120413/mas-actualidad/mundo/religion-persiste-como-tema-sensible_201204131335.html) - 13.04.2012

## Las organizaciones católicas, contra el 'apartheid sanitario'

*Entidades como Cáritas o Justicia y Paz pelean por la atención médica a los 'sin papeles'*  
*150.000 inmigrantes quedarán desprotegidos en septiembre*

La reforma sanitaria, que restringe la asistencia gratuita a extranjeros en situación irregular, viola los principios fundamentales de la doctrina social de la Iglesia: la dignidad del ser humano, la solidaridad y el bien común. Por eso, una treintena de organizaciones religiosas se están movilizándolo contra la nueva norma que expulsa del sistema normalizado a 150.000 personas. Cáritas, Pueblos Unidos, Justicia y Paz, Ekumene, Comunidades de Vida Cristiana, Hermandad Obrera de Acción Católica... Entidades que, a través de manifiestos o actos —conjuntos e individuales—, han criticado duramente la reforma del Gobierno, que consideran “inmoral e injusta”. Algunos la definen incluso como “un apartheid sanitario”. Sus palabras y las declaraciones de algunos obispos, como los de Cataluña o Valencia, que se han mostrado “preocupados” por la situación, destacan frente al silencio de la Conferencia Episcopal Española.

“Es una medida discriminatoria que elimina derechos básicos a uno de los colectivos más vulnerables, las personas en situación irregular”, critica Brígida Moreta. Esta misionera carmelita ha iniciado una petición en la red de activismo ciudadano Actuable, con la que reclama al Gobierno la retirada de la medida. La propuesta ha reunido en varias semanas 20.000 firmas de apoyo. Aunque por ahora sin ningún resultado. Moreta, enfermera y comadrona que pasó 30 años en Malawi y que ha vivido en Kenia, Nigeria, Mozambique o Tanzania, considera que la exclusión de este colectivo —que solo podrá recurrir de manera gratuita a urgencias, pediatría y a la atención del embarazo y parto— crea un “apartheid sanitario”.

Lo mismo opina Daniel Izuzquiza, director de Pueblos Unidos, una entidad de la Compañía de Jesús de la que también forma parte Moreta y que tiene varios programas de apoyo en Madrid a estos colectivos. “La reforma toca el derecho a la salud por criterios puramente administrativos. Prima argumentos económicos frente a la dignidad de las personas”, afirma el jesuita. Justificación

económica, además, dudosa, porque los expertos y economistas de la salud ya han puesto en tela de juicio que la medida vaya a generar el ahorro de al menos 500 millones de euros que anunció el ministerio que dirige Ana Mato.

Tampoco satisface a las entidades católicas la solución que propone Sanidad —lo hizo, de hecho, tras el gran revuelo formado por el decreto— para los excluidos: que las comunidades firmen convenios con organizaciones no gubernamentales para derivar a sus centros a los inmigrantes sin papeles. “Las organizaciones no tienen los mismos medios que la sanidad pública. Prestan una atención complementaria, pero no puede sustituirla en muchas cosas”, expone Isabel Cuenca, secretaria general de Justicia y Paz, entidad católica constituida en 1968 por la Conferencia Episcopal fruto del Concilio Vaticano II y que tiene, como explica Cuenca, la misión de mantener “la mirada atenta, el corazón sensible y la mano pronta para la caridad”. “Intentamos ver dónde se está atentando contra los derechos humanos y las situaciones de injusticia. Y este es uno de esos casos”, dice.

La situación es difícil también para los médicos, afirman las organizaciones religiosas, que han mostrado su apoyo a los profesionales que decidan objetar a la medida y continuar atendiendo a extranjeros sin papeles. “Obligándoles a que dejen de atender a una parte de la población se les está violentando en su ética y su profesión. Hay que unir fuerzas para apoyarles. Defendemos la objeción en muchos casos. Y este es uno”, dice la secretaria general de Justicia y Paz. Comunidades como Andalucía, País Vasco o Cataluña —que ha recurrido, por otros motivos, el decreto— ya han dicho que seguirán atendiendo a personas en situación irregular.

A estas reacciones se une una más. Las organizaciones —todas, católicas y laicas— que ya tienen programas de asistencia a personas en situación irregular alertan de que disponen cada vez de menos recursos a causa de los recortes. Una realidad golpea a los más débiles. “Si los recursos públicos resultan escasos, estas decisiones nunca pueden ser en perjuicio de los más pobres”, advierten desde la Mesa de Inmigración Diocesana de Sevilla (dependiente del

obispado) que también se ha movilizado contra la nueva ley. “Absolutizar la lógica economicista sacrificando los valores humanitarios nos llama a recordar que una política no iluminada por la ética termina siendo injusta e ineficiente”, añaden.

Además, la medida es peligrosa, dicen. Cáritas, la organización solidaria de la Iglesia, presente en 6.000 parroquias y 68 diócesis, esbozaba hace unos días esos riesgos en un comunicado, en el que alertaba de que la reforma sanitaria puede aumentar la “estigmatización social” de los inmigrantes. “Alimenta un discurso reduccionista y lleno de riesgos, según el cual las personas migrantes que conviven y forman parte de nuestras comunidades son los responsables del deterioro socioeconómico actual”, aseguran.

Entre los obispos también ha habido críticas, aunque más veladas, a la nueva norma. Quien sí se ha pronunciado en contra es la Diócesis de Alicante. Su secretariado de Migración la ha considerado “inmoral” e “injusta”. Algunos activistas de estas organizaciones sostienen que con esta medida el PP traiciona sus raíces democristianas. “La reforma niega un principio básico de humanidad en el que ha insistido la doctrina social de la Iglesia”, afirma la asociación

Juventud Obrera, que junto a la Hermandad Obrera de Acción Católica, se ha movilizado contra el texto. Y cita una pastoral y un documento de acción aprobado en 2007 por la Conferencia Episcopal: “Para la Iglesia, el emigrante, independientemente de la situación legal, económica, laboral, en que se halle, es una persona con la misma dignidad y derechos fundamentales que los demás, es un hijo de Dios (...) El inmigrante no es una fuerza de trabajo, sino una persona”

El jesuita Izuzquiza añade que la reforma es contraria a lo que marca el Evangelio. “En el capítulo 25 de [san] Mateo, Jesucristo se identifica con cada una de las personas en situación de necesidad, independientemente de su origen, raza o estatus jurídico. Dios mismo echa en cara en el juicio final: ‘¿Cuándo te vimos enfermo y no te asistimos?’, preguntan. ‘Lo que hicisteis con uno de estos mis hermanos más pequeños [más frágiles y vulnerables] conmigo lo hicisteis’, responde Dios”.

Fonte: <http://csem.org.br/csem/noticias/70-las-organizaciones-catolicas-contra-el-apartheid-sanitario> - 13.06.2012

## La sociedad española muestra una mayor aceptación pública a los musulmanes

*Sin embargo, un estudio revela que aún se perciben muestras de rechazo junto con los «estereotipos irracionales»*

La sociedad española ha demostrado en el último año una mayor aceptación pública a los musulmanes y lo islámico aunque aún se percibe «un porcentaje considerable» que muestra rechazo hacia manifestaciones externas del Islam como las mezquitas y el hiyab, según revela el Informe anual 2011 del Observatorio Andalusi, organismo autónomo de la Unión de Comunidades Islámicas de España (UCIDE), que coincide con la conmemoración de los 1.300 años de la llegada oficial del Islam a la Península Ibérica.

«Tras los últimos años de alarma social sobre los musulmanes como consecuencia de atentados de corte basista por el mundo, incluida España, la sociedad, en general, va retomando una cierta normalidad relativa en la aceptación social pública, no detectándose las anteriores miradas de desprecio y hostilidad contenida, aunque la pasividad ante la reivindicación de sus derechos sea la nota dominante», apunta el estudio, al que ha tenido acceso Europa Press.

Entre los «estereotipos irracionales» que, según indica el informe, se aprecian todavía en la sociedad española, se encuentra la creencia de que las musulmanas que cubren su cabello son obligadas por hombres musulmanes; que todos los hombres musulmanes son «unos déspotas» que tienen «subyugadas» a sus esposas; que quienes profesan la religión islámica están obligados por el Corán a «perpetuar la desigualdad y la violencia»; o que el Islam impone exigencias y prohibiciones así como «penas capitales sin juicios justos».

### *Creencias y estereotipos*

El informe aclara que los musulmanes representan un cuarto de la humanidad y que, por tanto, estas creencias «no pueden ser ciertas». Además, apunta que los medios de comunicación no ayudan a eliminar estos estereotipos pues «llevan al público general la distorsión informativa con declaraciones de cargos públicos y con calificativos gratuitos sobre una base de desconocimiento por parte del público sobre la realidad del Islam».

Por otra parte, en la memoria se denuncia el «parón» en el desarrollo de los Acuerdos de Cooperación del Estado español con la Comisión



Islámica de España (CIE) que, según indica, «se hace parecer que es culpa de los musulmanes insertando el germen del cisma en las comunidades musulmanas para debilitar su representación». Además, se critica «el dirigismo y la injerencia» de los poderes públicos.

Asimismo, destaca que el «cíclico y reiterativo» asunto sobre el uso del pañuelo por parte de alumnas musulmanas «se sigue repitiendo cada año con discursos de presuntas imposiciones familiares y falsas desigualdades» ante lo que, según explica la memoria, se trata de «la simple vocación temprana o compromiso religioso de una menor». Esto, según se precisa, genera «una opinión islamófoba general».

#### *Faltan asistentes religiosos*

También han continuado durante 2011, según señala el texto, las campañas contra mezquitas e imames y se ha detectado una falta de asistentes religiosos contratados para el culto, formación y asistencia religiosa en los cuarteles, centros hospitalarios, de menores, de acogida, de ancianos y en centros penitenciarios (once imames).

Atendiendo a la asignatura de religión islámica, el estudio apunta que se ha dado respuesta a «un mínimo» de la oferta y la demanda de este periodo con la contratación de 46 profesores de esta confesión en cinco autonomías en las que es competencia del Estado y en una, Euskadi, con competencias transferidas, frente a las 13 restantes en las que no se ha contratado ningún profesor para esta materia.

Ante esta realidad, el informe estima necesaria la contratación de 400 profesores para cubrir la

demanda del alumnado musulmán que se calcula que asciende hasta los 202.479 niños y jóvenes. En esta línea, denuncia que muchos centros docentes no ofertan la enseñanza religiosa islámica pero sí unas asignaturas alternativas que, según precisa, son «no asignaturas» y revelan «una estrategia para laicizar los institutos públicos a medio plazo y posiblemente los colegios públicos a largo plazo».

#### *Más de 1.100 entidades musulmanas*

No obstante, el estudio revela algunos ejemplos de buenas prácticas como la presentación por parte de los ministros españoles de Justicia, Interior y Trabajo e Inmigración del barómetro La comunidad musulmana de origen inmigrante en España que desvelaba que los musulmanes llegados de otros países se sienten adaptados a la vida y costumbres españolas, así como un alto grado de respeto hacia las instituciones españolas.

A nivel internacional, destaca la ratificación por parte de la Asamblea General de la ONU de un borrador de resolución titulado «Lucha contra la intolerancia hacia personas, la discriminación y la imposición de violencia en base a la religión y creencia». Según el informe, en 2011 se contabilizaron un total de 1.140 entidades islámicas inscritas en España y se registraron hasta 1.059 mezquitas y 14 cementerios, una cifra que los musulmanes consideran «insuficiente» para atender las necesidades en caso de fallecimiento en la comunidad musulmana local.

Fonte: <http://www.abc.es/20120920/sociedad/abci-musulmanes-aceptacion-espana-201209191935.html> - 20.09.2012

## **La fe religiosa influye en voto latino**

El voto de los latinos varía según su religión: el apoyo al candidato demócrata a la presidencia de Estados Unidos, Barack Obama, es mayoritario entre católicos e hispanos sin afiliación religiosa, pero los protestantes evangélicos se muestran divididos, reveló el jueves el Pew Hispanic Center.

Esa división se expone también en el apoyo a los matrimonios entre personas de un mismo sexo: la mayoría global de los latinos se muestra a favor de estas uniones (52 por ciento), el doble que seis años atrás, pero los evangélicos mayoritariamente se oponen (66 por ciento), según la encuesta.

El apoyo al demócrata es contundente entre los hispanos sin afiliación religiosa, que apuestan por Obama en un 82 por ciento de los casos y sólo en

un 7 por ciento por su rival republicano, Mitt Romney.

Entre los católicos latinos, el 73 por ciento se muestra partidario del candidato demócrata y el 19 por ciento del republicano, pero entre los evangélicos hay mucha más división.

De cada 10 protestantes evangélicos encuestados, cinco apuestan por Obama y cuatro por Romney.

Esta división se explica por «la doble realidad» en la que viven los protestantes evangélicos, argumentó a EFE Daniel Ramírez, profesor de la Universidad de Michigan especializado en religión norteamericana y latinos.

Según cree, por un lado están en contacto en sus iglesias con los líderes religiosos, con tendencia «al discurso derechista», pero por otro no viven aislados de la comunidad hispana, los problemas

de inmigración y “la xenofobia contra los latinos en los últimos 15 años”.

“Viven otra realidad que los blancos evangélicos y eso impide que los latinos evangélicos apoyen al 100 por 100 el programa de la supuesta derecha religiosa”, añadió Ramirez.

El profesor asegura que hoy día “hay discrepancia entre el público y la jerarquía religiosa en muchos asuntos”, ya que los votantes pueden defender posturas en asuntos públicos muy diferentes a lo que escuchan en las homilias cuando asisten a la iglesia.

Así los latinos que visitan la iglesia con cierta regularidad han escuchado mensajes sobre el aborto (en un 54 por ciento de los casos), la inmigración (43 por ciento, los candidatos electorales (29 por ciento) y sobre leyes relativas a la homosexualidad (38 por ciento).

Ese punto demuestra esa “discrepancia”, ya que los latinos se manifiestan mayoritariamente a favor

## **Musulmanes de California hacen historia política**

*Estimado entre seis y ocho millones, el colectivo musulmán ha venido desempeñando un papel cada vez más relevante en la política estadounidense*

Haciendo historia política, más de una veintena de musulmanes han sido elegidos delegados del Partido Demócrata en el estado americano de California, una medida vista como un hito para esta considerable minoría.

"Los musulmanes de California han hecho historia política al resultar 28 candidatos elegidos como delegados y delegados suplentes por los demócratas del Partido Demócrata de California (CDP)", reconoció el CDP en una declaración.

"Este constituye el mayor número de musulmanes de todos los tiempos elegidos como delegados en California"

Las elecciones se han celebrado hace unos días, para escoger a los delegados del partido en los 80 distritos asamblearios de California.

Al menos, se encontraban unos 36 musulmanes entre los cientos de candidatos que han participado en la votación de los delegados del CDP.

De estos, 24 han sido elegidos (cinco como miembros del Comité Ejecutivo y dos como suplentes), y ocho perdieron su candidatura", señaló el comunicado.

Un delegado electo puede votar en favor de otros candidatos y ayudar a dar forma a la plataforma de la CDP.

del matrimonio entre gays y lesbianas y ese apoyo casi se duplicó en seis años.

El 52 por ciento de los latinos apoya estas uniones frente al 34 por ciento que las rechaza, según el estudio Pew.

Donde hay más partidarios es entre los hispanos sin afiliación religiosa (71 por ciento) y los católicos (54 por ciento); donde menos, entre los protestantes evangélicos (25 por ciento).

El apoyo entre latinos creció del 31 por ciento en el 2006 al 52 por ciento actual, un salto fuera de lo común que, según el profesor Ramirez, va más allá “del cambio generacional”.

Según el experto en latinos y religión, la opinión favorable al matrimonio gay se explica por el concepto “más amplio” de familia de los hispanos.

Fonte: <http://csem.org.br/csem/noticias/442-la-fe-religiosa-influye-en-voto-latino> - 29.10.2012

Éste también aprueba las normas mediante las que se rige el CDP, vota en las resoluciones que conciernen a diversas comunidades, y elige a representantes del CDP para el Partido Nacional Democrático.

Los delegados también asumen la responsabilidad de asistir a una convención estatal celebrada anualmente.

El CDP cuenta con alrededor de 3000 delegados, algunos de los cuales son designados por los funcionarios electos.

Alrededor de una tercera parte de los delegados son elegidos cada año impar, a través de elecciones divididas por distritos asamblearios.

Doce personas (seis mujeres y seis hombres) de cada distrito asambleario son elegidos como delegados para servir al Comité Central Estatal de los Demócratas (DSCC), por un período de dos años.

### *Milestone*

Esta elección es aclamada como un hito político para los musulmanes americanos.

"Este es un paso importante para que los musulmanes se involucren más en el proceso político y marquen una diferencia en el seno de la comunidad musulmana y en sus distritos", dijo el comunicado de la CDP.

Los musulmanes de Estados Unidos, estimados entre los seis y ocho millones, han venido desempeñando un papel cada vez más relevante en la política estadounidense.

Los musulmanes se han erigido también en un importante bloque de votantes en el país.

Varios grupos, tal como el Consejo de Relaciones Americano-Islámicas (CAIR), han puesto en marcha iniciativas para impulsar la participación política de los musulmanes estadounidenses.

Una campaña lanzada por CAIR antes de las elecciones de noviembre incluía una guía para el votante presidencial, una herramienta de registro de votantes en línea y un vídeo de promoción de registro de votantes en línea.

La campaña también animaba a los musulmanes a participar como voluntarios en las campañas electorales, acoger foros de candidatos y movilizar

a los miembros de la comunidad a votar en las elecciones.

Aunque la población musulmana en Estados Unidos es reducida, el poder de voto de este grupo podría llegar a ser significativo en una elección cerrada, en tanto que un número importante de musulmanes estadounidenses viven en estados clave como Michigan, Ohio, Florida y Virginia.

Fonte: <http://csem.org.br/csem/noticias/737-musulmanes-de-california-hacen-historia-politica> - 29.01.2013

## ITALIANO

### Gli immigrati, la religione e l'integrazione

*di Paolo Naso, politologo, coordinatore di Essere chiesa insieme*

Le comunità religiose degli immigrati costituiscono una presenza sempre più visibile e socialmente rilevante. Per anni si è parlato soprattutto dei musulmani e dei centri di preghiera che sorgevano come funghi in città che osservavano sorprese e preoccupate questa nuova presenza. Ma oggi ad oltre un milione di musulmani si sono aggiunti almeno ottocentomila ortodossi che molto spesso si riuniscono in chiese cattoliche dismesse e circa trecentomila evangelici provenienti soprattutto dall'Africa occidentale, dalle Filippine, dalla Corea del Sud e da alcuni paesi dell'America Latina. Oltre ovviamente a molti altri credenti sikh, induisti, buddhisti e così via.

La storia ormai più che centenaria dei grandi flussi migratori ci insegna che la religione, le sue tradizioni e i suoi simboli, costituiscono dei beni preziosi che ogni migrante porta con sé e che, spesso, rivaluta ed enfatizza proprio nel paese in cui finisce per stabilirsi. La religione costituisce dunque un importante elemento dell'identità dei migranti, la radice forse più solida di una cultura e di una tradizione che, almeno all'inizio del loro percorso di integrazione, essi intendono proteggere con particolare determinazione. Idealmente, infatti, la religione aiuta a riconnettersi con quello che si è lasciato e ad affrontare l'impatto con nuove culture e nuovi comportamenti. Per migliaia di donne dell'est europeo, per fare un esempio, la parrocchia ortodossa è uno dei pochi spazi di socializzazione e di ritrovo al di fuori degli ingranaggi di impegnativi lavori di cura. Per molti immigrati la pratica religiosa e l'incontro con sorelle e fratelli nella fede

costituiscono quindi una risorsa spirituale e sociale di primaria importanza.

Riconosciuta questa realtà, però, la storia dei processi migratori insegna anche che le comunità religiose possono svolgere funzioni sociali molto diverse e talvolta di esito opposto. In qualche caso possono costituire un muro che paradossalmente rallenta il percorso di integrazione: comunità chiuse, impermeabili all'esterno, autocentrante, alimentano un'identità statica, sempre uguale a se stessa, estranea se non antagonista alla società circostante. Alcune moschee nel Regno Unito ma anche molte chiese evangeliche, ad esempio nei paesi scandinavi, hanno finito per costituirsi come un muro di protezione ma anche di isolamento dal contesto sociale, con effetti drammatici dal punto di vista dell'integrazione. Ma, nella misura in cui riescono ad aprirsi all'esterno e a stabilire positive relazioni con le corrispettive realtà italiane, le comunità religiose possono anche essere un ponte, un potente vettore di percorsi di integrazione ed inclusione sociale. L'intera esperienza di Essere chiesa insieme, sia pure nella varietà e nella flessibilità dei modelli sperimentati, va in questa direzione.

La novità di questa settimana è che il governo ha finalmente deciso di prendere atto di questa "ambiguità" del ruolo sociale delle comunità di fede degli immigrati, delle sue potenzialità ma anche dei rischi che essa porta con sé. Ed a questo riguardo, la decisione del ministro Riccardi di istituire una Conferenza permanente sul tema "Religioni, Cultura, Integrazione" costituisce una novità rilevante. Sbaglia chi pensa che con questo si vogliano "confessionalizzare" le politiche migratorie sottraendole a un pubblico confronto laico. Al

contrario, la Conferenza affida alle comunità di fede una decisiva funzione civile: il riconoscimento del loro ruolo sociale, infatti, implica che esse si attivino molto più di quanto hanno fatto sin qui per sostenere percorsi di apprendimento della lingua, di promozione della cultura della legalità, di conoscenza dei fondamenti costituzionali: in una parola, di "integrazione". Alcune comunità sono più pronte di altre a raccogliere questa sfida, altre saranno più lente e persino reticenti. Ma vedere

## **La rabbia dei musulmani proviamo a cercarne le cause**

*«Non tutti i musulmani sono terroristi ma tutti i terroristi sono musulmani», scriveva, mi pare, Oriana Fallaci dopo l'11 settembre. E sarebbe fin troppo scontato, in questi momenti di isteria collettiva, attribuire e riconoscere un che di profetico a tale frase. Ma a voler guardare bene dentro al mondo islamico, senza quelle pericolose e semplicistiche generalizzazioni reciproche, non si può non notare come la mala pianta del fanatismo religioso non abbia ovunque attecchito allo stesso modo. Le scrivo questo per chiederle se sia possibile approfondire le diversità esistenti all'interno di una fede per certi versi fin troppo radicale come quella musulmana. In cui però spesso ci si dimentica la differente collocazione etnico-geografica dei popoli coinvolti (araba, africana, indonesiana o albanese che sia).*

Mario Taliani

Caro Taliani, non erano musulmani gli anarchici francesi della «bande à Bonnot », responsabili di numerosi attentati in Francia agli inizi del Novecento, e gli anarchici italiani che fecero saltare in aria il teatro Diana a Milano il 23 marzo 1921 (21 morti e 80 feriti). Non erano musulmani i membri della Rote Armee Fraktion, delle Brigate Rosse, dei Nuclei armati proletari, di Action Directe. Non erano musulmani, nella Palestina mandataria, i militanti della Banda Stern e dell'Irgun Zvai Leumi. Non erano musulmani i seguaci della setta religiosa Aum Shinrikyo che diffusero gas sarin nella metropolitana di Tokyo provocando 12 morti e 6.000 intossicati. Non erano musulmani i guerriglieri dell'Irish Republican Army (Ira) e i separatisti baschi dell'Eta. Come ha ricordato il Papa nel suo recente viaggio a Beirut, il fondamentalismo ha inquinato, in questi anni, tutte le grandi religioni monoteiste. Aggiungo che anche il nazionalismo, come è accaduto persino nel democratico Occidente, può essere vissuto come

allo stesso tavolo cattolici e buddisti, sikh e ortodossi, evangelici e buddhisti conferma quello che da anni è evidente : l'immigrazione sta ridisegnando il profilo religioso dell'Italia ed è tempo che a questo cambiamento le istituzioni garantiscano il dovuto riconoscimento culturale e giuridico.

Fonte: <http://www.chiesaluterana.it/2012/04/03/gli-immigrati-la-religione-e-lintegrazione/> - 03.04 .2012

una fede religiosa e divenire spaventosamente violento. Abbiamo forse dimenticato gli 8.000 musulmani uccisi a Srebrenica nel luglio del 1999 dai serbi del generale Mladic e le stragi «minori» di cui furono responsabili in quegli anni le milizie croate? È vero che nella graduatoria del fanatismo religioso e dei comportamenti violenti l'Islam è balzato in questi anni ai primi posti. Ma vi sono alcuni fattori strettamente collegati di cui dovremmo tenere conto. In primo luogo non è ragionevole attribuire alle intere società arabe le esasperate manifestazioni di rabbia degli scorsi giorni. Quelli che scendono in piazza e, a maggior ragione, quelli che danno l'assalto alle ambasciate straniere, sono pur sempre una piccola minoranza. È vero che le minoranze diventano spesso aggressive e violente quando sanno di poter contare sul consenso più o meno attivo e partecipe di settori molto più consistenti della pubblica opinione. Ma allora sarà bene cercare di comprendere perché tanti cittadini arabi assistano silenziosamente, senza condannarle, a queste manifestazioni di rabbiosa violenza. Se scrollassi le spalle e sostenessi che questo accade «perché sono arabi e musulmani », darei una risposta partigiana, fondamentalmente razzista e politicamente inutile. Se scavassimo più a fondo, invece, giungeremmo probabilmente alla conclusione che anche questa fase della storia arabo-musulmana ha cause più concrete e specifiche. Il problema non è tanto religioso, quanto politico, culturale e identitario. Tutto ciò che è stato sognato e tentato in Medio Oriente dopo la Prima e la Seconda guerra mondiale è tragicamente fallito. La nazione araba non esiste. Lo Stato arabo si è dimostrato incapace di dare soddisfazione alle esigenze dei suoi cittadini. La presenza di Israele nella regione è percepita come una sorta di usurpazione coloniale. Tutte le guerre sono state perdute. I frequenti interventi militari dell'Occidente e, in particolare, degli Stati Uniti sono stati, per l'orgoglio arabo, esperienze umilianti. E la religione è diventata l'estremo rifugio di popoli amareggiati e frustrati. In queste circostanze un'offesa all'Islam diventa un intollerabile affronto alla identità araba. Per curare queste malattie non esistono terapie

sicure. Ma se la diagnosi fosse semplicemente «fanatismo islamico», peggioreremmo il male.

Fonte: [http://www.corriere.it/lettere-al-corriere/12\\_Settembre\\_19/LA-RABBIA-DEI-MUSULMANI-PROVIAMO-A-CERCARNE-LE-CAUSE\\_d12b2f58-0222-11e2-9f2e-6124d1c3f844.shtml](http://www.corriere.it/lettere-al-corriere/12_Settembre_19/LA-RABBIA-DEI-MUSULMANI-PROVIAMO-A-CERCARNE-LE-CAUSE_d12b2f58-0222-11e2-9f2e-6124d1c3f844.shtml) - 19.09.2012

## **La libertà di professare il proprio credo religioso è un diritto assoluto oltre che essere una libertà indefettibile**

*Viene confermato che lo status di rifugiato può essere concesso anche nei casi in cui vi è il 'fondato timore' di persecuzione*

Con sentenza del 5 settembre 2012, la Corte di Giustizia dell'Unione Europea ha statuito in modo palese e diretto la libertà di professare la propria fede religiosa pronunciandosi a tutela di tale basilare principio democratico cardine di tutti gli ordinamenti democratici, facendo leva questa volta non sulla necessità di tutelare le minoranze cristiane in Medio Oriente (sulle quali si erano pronunciati con risoluzioni il Parlamento europeo e l'assemblea del Consiglio d'Europa), quanto piuttosto sulla necessità di preservare le minoranze islamiche nei Paesi a maggioranza islamica.

La fattispecie sulla quale si è pronunciata la Corte concerne due membri del movimento riformatore dell'Islam Ahmadiyya, che, perseguitati dalla maggioranza sunnita del proprio Paese d'origine, il Pakistan, avevano richiesto asilo politico in Germania.

A tal proposito occorre preventivamente ricordare che in base alla legge pakistana, coloro che fanno parte di tale movimento e che professano pubblicamente la propria fede religiosa, sono blasfemi, e in quanto tali meritano pene severissime, fino anche a quella capitale.

Sarebbe superfluo ma giova ricordare che la Convenzione di Ginevra, la Convenzione europea dei diritti dell'uomo e la Carta dei diritti fondamentali (norme cogenti in Europa) garantiscono la protezione ai rifugiati che hanno "fondato timore" di esser perseguitati nel proprio Paese d'origine a causa della loro razza, religione, opinione politica o appartenenza ad un gruppo sociale, non potendo, avvalersi di alcuna protezione nel Paese stesso ovvero quello di origine.

Ma quali sono i quesiti posti, in via pregiudiziale dalla corte federale tedesca in merito alla presente fattispecie?

### **Immigrazione e religione**

*Una Sfida per il Domani (o per l'Oggi?) in una Ricerca tutta Bergamasca*

*Ilaria Micheli*

1) In quali circostanze una violazione della libertà di credo religioso può far sorgere il diritto dell'asilo politico in quanto "atto di persecuzione"?

2) può avere la sua rilevanza sull'esistenza stessa del suddetto diritto, e sulla concedibilità del beneficio di legge il fatto che il richiedente abbia la ipotetica e materiale possibilità di rinunciare alla libera e pubblica professione della propria fede religiosa, pur potendola professandola solo in privato?

La Corte ha dunque stabilito al riguardo che la libertà religiosa intesa come libertà di professare la propria fede qualunque essa sia e in qualunque modalità il singolo ritenga opportuno fare ossia in modo pubblico o privato, è un diritto oggettivo e soggettivo umano indefettibile, ma al contempo la Corte ha precisato che non tutte le violazioni sono definibili gravi e quindi meritevoli di tutela, tanto da ingenerare i presupposti del diritto di asilo politico e dunque il consequenziale diritto all'accoglienza.

Solo allorché si perfeziona l'atto persecutorio si impone agli Stati membri l'accoglienza secondo le normative internazionali sopra menzionate.

Nel caso concreto di specie, avere un proprio credo religioso, comporta indissolubilmente il bisogno, la volontà di esternarlo, interpretarlo e, altresì, diffonderlo, esercitarlo in pubblico poiché è nell'essenza stessa di ogni fede religiosa il farne parte attraverso l'esternalizzazione e partecipazione a pubblici riti; codesto modus, invero, ne costituisce il focus essenziale e irrinunciabile.

Tale principio alla base di tale massima è un fondamento a cui ogni Stato membro deve conformarsi rispetto a qualunque minoranza religiosa.

Fonte: <http://www.immigrazione.biz/4135.html> 28.10.2012

Circa un anno fa il Segretariato Migranti della Diocesi di Bergamo mi ha contattata per una questione molto delicata. Si trattava infatti di disegnare un progetto di ricerca che avesse come obiettivo quello di studiare il fenomeno dell'esplosione in termini di numeri, dei movimenti religiosi cristiani di matrice neopentecostale tra gli immigrati africani. Il principale fattore di interesse,

secondo il responsabile del Segretariato Migranti, don Massimo Rizzi, era il fatto che molti dei fedeli di quelle chiese, i cui rappresentanti in molti casi si presentavano a lui per avere aiuti economici e fondi a sostegno delle proprie attività caritatevoli, erano stati battezzati nei loro paesi d'origine, nei quali frequentavano la Chiesa Cattolica delle missioni.

La domanda dunque era duplice: da un lato bisognava capire quale fosse l'elemento di attrazione di questi movimenti neopentecostali e dall'altro si doveva trovare la causa dell'allontanamento dei cattolici dalla Chiesa di Roma, tanto più che uno dei dati allarmanti era il fatto che ultimamente anche alcuni fedeli italiani cominciavano a fare capolino nelle sale di riunione di questi nuovi gruppi.

#### *Il fenomeno in Europa e nell'Occidente.*

La situazione di Bergamo e dei suoi migranti non rappresenta certo un caso isolato nel nostro mondo occidentale globalizzato. Nell'Editoriale della rivista belga *Agenda Interculturel* n° 297 del novembre 2011, Nathalie Caprioli scriveva infatti a proposito dei movimenti neopentecostali in Belgio: "Le Synode fédéral des Eglises protestantes et évangéliques de Belgique (...) estime qu'une nouvelle église naît tous les dix jours" e anche nel piccolo del territorio di Bergamo, ci dice don Massimo, "nel giro di quattro anni, da quando cioè le ACLI hanno cominciato a monitorare i luoghi di culto degli immigrati in Diocesi, si è notata la stessa estrema fluidità. Le nuove chiese nascono e muoiono anche nel giro di pochi anni, seguendo gli spostamenti del leader carismatico, vengono fatte chiudere o costrette a spostarsi dalle forze dell'ordine ed è davvero difficile avere dati certi sulla loro reale consistenza".

Il fatto è che il mondo di oggi è troppo fluido in se stesso e troppo spesso, come scrive Zygmunt Bauman in una delle sue *Lettere dal Mondo Liquido* (in *Cose che abbiamo in comune*, edito da Laterza nel 2010, p. 142) "Si fa un gran parlare oggi della "politicizzazione della religione". Troppo poca attenzione viene invece rivolta alla tendenza parallela di quella che potremmo definire "religionizzazione della politica" (...)", intendendo che spesso i toni dei Leader politici sollevano sentimenti e questioni di tipo religioso, demonizzano l'avversario ed estremizzano la propria "buona" posizione e quella "malvagia" degli oppositori e talvolta arrivano a dichiararsi "unti dal Signore" per dimostrare l'indiscutibilità del loro essere in cima alla scala sociale.

Allo stesso tempo, l'uomo globalizzato, che sente tutta la sua fragilità davanti ad una situazione economica gravemente corrotta e a fenomeni

naturali che paiono fuori controllo, non può far altro che cercare conforto in quanto di più rassicurante possa trovare: un messaggio religioso di redenzione e guarigione dai beni spirituali e materiali. Tutte cose che si trovano proprio al centro del discorso teologico dei nuovi movimenti religiosi, per i quali esiste una corrispondenza diretta tra la "forza" della fede, il comportamento (retto) della persona e la sua riuscita sociale, politica, economica e addirittura la sua salute.

Non è un caso forse, che anche il concorrente di Obama alle ultime presidenziali negli USA, Romney, fosse un mormone, membro cioè di un movimento alternativo a quelli cristiani tradizionali (anche protestanti), o che al festival di Venezia "The Master", il film sulla vita di Ron Hubbard, fondatore di Scientology, sia stato presentato con altissime aspettative.

#### *I discorsi dei fedeli.*

Durante la ricerca svolta per la Caritas e la Diocesi di Bergamo, sono state intervistate una quarantina di persone che frequentano regolarmente i movimenti neo-pentecostali e tutti hanno confermato che ciò che li spinge a scegliere quelle chiese, oltre ad un vago senso di appartenenza basato soprattutto sul colore della pelle e sul fatto di sentirsi emarginati, anche e soprattutto dai cattolici e dai sacerdoti dei loro quartieri (e questo è un dato allarmante sul quale la Chiesa dovrebbe riflettere profondamente) è proprio il messaggio di liberazione e guarigione che esse si curano di mettere così apertamente in primo piano. Tutti i fedeli intervistati parlano della sensazione di sentirsi accolti e accuditi dalla comunità, di avere su di sé l'attenzione del gruppo e di meritarsela, perché "tutti siamo uguali davanti a Dio", "tutti possiamo sbagliare", ma anche "tutti, con la preghiera, possiamo guarire". Durante la partecipazione a diversi momenti di culto in diverse comunità distinte, ci siamo rese conto che in quei contesti proprio il momento della preghiera collettiva diventa il centro di tutto, il pivot su cui si innestano le speranze e le tensioni dei più disperati, che, offerte sull'altare della preghiera comune, vengono in qualche modo purificate ed elevate al Signore, nella certezza che a quel punto Lui non potrà fare a meno di provvedere.

A riprova di questa speranza e di questa lettura, forse inconscia, dell'evento, sta il fatto che l'altro momento clou del culto è quello nel quale alcuni fedeli raccontano esperienze miracolose e toccanti della propria vita, nelle quali hanno percepito l'intervento divino, grazie alla mediazione della preghiera della comunità che avevano alle spalle.

### *La finalità della ricerca.*

Dopo un anno di lavoro, che ha visto coinvolto un team composto da me, come supervisore scientifico, da 3 persone per la realizzazione delle osservazioni sul terreno e delle interviste ai fedeli, da 3 mediatori culturali e da 2 sacerdoti (oltre a don Massimo Rizzi, dal responsabile del progetto, don Mario Marossi), la ricerca è arrivata al termine. I dati sono in fase di elaborazione, ma la finalità del progetto era quella di offrire ai sacerdoti diocesani un elemento importante sul quale riflettere per trovare nuove modalità di approccio e di intervento per il pieno coinvolgimento degli immigrati, soprattutto quelli già battezzati e che si dichiarano

---

cattolici, ma che, troppe volte per colpa dei nostri sguardi offensivi, della nostra chiusura e della nostra indifferenza nei loro confronti, si rivolgono ad altri per avere quel calore umano e quell'aria di famiglia che dovrebbe essere alla base di qualsiasi rapporto umano, non necessariamente fondato su un sentimento religioso, ma che dovrebbe essere tanto più fondamentale come elemento distintivo in una società incardinata sui valori del Vangelo, come vorremmo fosse la nostra.

Fonte: [http://www.missioni-africane.org/bozza/1340\\_Immigrazione\\_e\\_religione%2010.12.2012](http://www.missioni-africane.org/bozza/1340_Immigrazione_e_religione%2010.12.2012) – 10.12.2012

### **Títulos da Resenha Migrações na Atualidade**

1. BRASIGUAIOS
2. EMIGRAR - Opção ou necessidade
3. OS EXPULSOS DA TERRA
4. MIGRAÇÕES E TRABALHO
5. LEIS E MIGRAÇÃO
6. MIGRAÇÕES NORDESTINAS
7. JOVENS MIGRANTES
8. MIGRAÇÕES INTERNAS: Aspectos vários
9. DESEMPREGO
10. VÍTIMAS DO RACISMO
11. MORADIA: Direito de todos
12. FAVELAS: Migração da dignidade humana
13. FOME E MISÉRIA
14. LATINO - AMERICANOS EM MIGRAÇÃO
15. A FAMÍLIA
16. TRABALHO ESCRAVO
17. SOS: Pequenos sem lar
18. REFUGIADOS
19. EXCLUÍDOS - Um clamor à justiça e a solidariedade
20. MULHER MIGRANTE - Solidariedade e acolhida
21. SEM – TERRAS
22. DIREITOS HUMANOS - Violação e defesa
23. TERRA E MIGRAÇÃO
24. MIGRANTES EM SITUAÇÃO IRREGULAR
25. CRIANÇAS, ADOLESCENTES E TRABALHO
26. CF /97 E AS MIGRAÇÕES
27. MIGRANTES E AS RELAÇÕES DE TRABALHO
28. VIOLÊNCIA CONTRA MIGRANTES.
29. PELA DIGNIDADE DO MIGRANTE
30. DESEMPREGO EM ALTA
31. EDUCAR É PRECISO
32. SECA AUMENTA O VAIVÉM DE MIGRANTES
33. ANISTIA A ESTRANGEIROS EM SITUAÇÃO ILEGAL
34. SEM TRABALHO ... por quê?
35. DESAFIOS DA MIGRAÇÃO frente ao novo milênio
36. O MIGRANTE É VÍTIMA !...
37. REFUGIADOS: desafio à solidariedade
38. DIGNIDADE HUMANA E PAZ - CF/2000
39. XENOFOBIA
40. TRÁFICO HUMANO - a escravidão moderna
41. CRIANÇAS E ADOLESCENTES na armadilha da globalização
42. DROGAS, uma ameaça à VIDA.
43. MULHERES: Protagonistas ou excluídas?
44. MIGRANTES e Conflitos armados
45. RETRATO SOCIAL dos MIGRANTES.
46. POVOS INDÍGENAS, resgate de uma civilização.
47. ALIMENTAÇÃO é um direito humano. Por que tanta fome?
48. IMIGRANTE: rejeitado, mas indispensável!
49. ÁGUA: fonte de segurança alimentar.
50. PESSOAS IDOSAS: dignidade e esperança.
51. A MERCANTILIZAÇÃO DO SER HUMANO
52. EMIGRAÇÃO: As lutas de brasileiros e brasileiras no exterior.
53. DISCRIMINAÇÕES: o ser humano ferido.
54. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: rumos e desafios.
55. MIGRAÇÕES: culturas e integração.
56. REFUGIADOS: novos desafios na conjuntura atual.
57. TRÁFICO DE SERES HUMANOS: negação da dignidade.
58. MIGRAÇÕES: leis insuficientes e políticas migratórias discriminatórias.
59. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO.
60. XENOFOBIA: o migrante como ameaça. Por quê?
61. RELIGIÕES: força e fragilidade dos migrantes
62. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: novos fluxos e políticas seletivas
63. POBREZA produz migração. Migração contrasta a pobreza?
64. CAMINHOS E DESCAMINHOS DA INTEGRAÇÃO
65. POVOS EM FUGA: os/as deslocados/as
66. CRIMINALIZAÇÃO DOS MIGRANTES E VIOLÊNCIA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO: desafios
67. MIGRAÇÕES E TRABALHO: valorizar a contribuição e erradicar a exploração
68. MIGRAÇÕES E CULTURA: como superar a discriminação?
69. MIGRAÇÕES E REFÚGIO: a ambigüidade das estratégias de proteção
70. LEIS E POLÍTICAS MIGRATÓRIAS: direito a ter direitos
71. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO: qual o papel das remessas?
72. O PAPEL PROFÉTICO DAS RELIGIÕES junto aos migrantes
73. TRÁFICO DE PESSOAS: quais são as estratégias de combate?
74. CIDADE: lugar de encontro ou exclusão?
75. SER MIGRANTE EM TEMPOS DE CRISE
76. ENTRE ASSIMILAÇÃO e INTEGRAÇÃO
77. MUDANÇAS CLIMÁTICAS e REFUGIADOS AMBIENTAIS
78. AS MIGRAÇÕES GERAM VIOLÊNCIA OU REAÇÕES VIOLENTAS?
79. TRABALHADORES MIGRANTES: indispensáveis, mas sem direitos
80. XENOFOBIA: a nova face da exclusão
81. MULHERES REFUGIADAS
82. RELIGIÃO: fator de integração dos migrantes?
83. Os rumos do TRÁFICO DE SERES HUMANOS
84. MIGRAÇÃO DE RETORNO e crise: sonho frustrado?
85. Os desafios da MIGRAÇÃO FEMININA
86. As RELIGIÕES diante dos desafios das MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS
87. TRÁFICO DE PESSOAS: é possível combater?
88. Novos FLUXOS MIGRATÓRIOS: uma nova questão social
89. MULHERES MIGRANTES: protagonismo e vulnerabilidades